

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O DOCLISBOA – CARLOS REICHENBACH**  
**13 e 15 de Outubro de 2022**

**GAROTAS DO ABC / 2003**

*Um filme de Carlos Reichenbach*

Realização: Carlos Reichenbach / Argumento: Carlos Reichenbach e Fernando Bonassi / Direcção de Fotografia: Jacob Solitrenick / Direcção Artística: Valdy Lopes e Luis Rossi / Som: João Godoy e Romeu Quinto / Montagem: Cristina Amaral / Interpretação: Michelle Vale (Aurélia Schwarzenega), Vanessa Alves (Antuérpia), Nathalia Lorda (Paula Nelson), Lucielle di Camargo (Suzana), Vanessa Goulart (Marcinha), Fernanda Carvalho Leite (Lucineide), Márcia de Oliveira (Nelinha), Fernando Pavão (Fábio), Selton Mello (Salesiano de Carvalho), Dionísio Neto (André Luiz), Eduardo Soffiati (Nicanor), etc.

Produtora: Sara Silveira / Cópia em 35mm, colorida, falada em português, legendado electronicamente em inglês / Duração: 121 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

O ABC do título, para desfazer já o enigma, é uma região do estado de São Paulo onde abundam as fábricas e as instalações industriais, e consequentemente um modo de vida operário. O ambiente de **Garotas do ABC** não é, portanto, muito diferente do de **Falsa Loura** (2007), que uns anos depois ficou como o derradeiro filme de Reichenbach e com este compõe uma espécie de díptico (prenunciado pela curta-metragem **Sonhos de Vida**, que neste programa foi exibido em preâmbulo, justamente, a **Falsa Loura**).

A entrada de ambos os filmes é bastante similar, aliás, com uma rapariga, a que o filme depois seguirá com mais atenção, a dançar enquanto se veste (para Reichenbach não há “sensualidade” sem uma dimensão “coreográfica”, e confirmaremos isso mais à frente no filme, na forma como o realizador as cenas de sexo e de intimidade entre casais). Se esta rapariga é a protagonista, como em **Falsa Loura** há uma galeria de personagens (as amigas e as colegas) cujas histórias volta e meia saltam para o primeiro plano, como se **Garotas do ABC** interiorizasse a ideia de “mosaico” (retratar ou sugerir vários aspectos da vida das raparigas operárias de São Paulo) de uma forma ainda mais intensa do que no filme seguinte.

Mas **Garotas do ABC** é um filme muito mais intrinsecamente político, que porventura será mais fácil de compreender hoje para quem está distante do que na época da estreia – e são vários os comentadores brasileiros que escrevem, hoje, que **Garotas do ABC** capta a génese do movimento que deu, por exemplo mais notório, a chegada de Jair Bolsonaro à presidência do país. A inclusão na narrativa de personagens de extrema-direita, integrantes de associações xenófobas e racistas, é uma forma de mostrar como este tipo de práticas e ideologias pode medrar em meios socialmente desfavorecidos, mas também é uma forma de sentir o pulso a uma espécie de “inconsciente” brasileiro, ou de “sombra”. E é à sombra que Reichenbach associa essas personagens – as cenas dos ataques, mais sugeridos do que mostrados – num processo cuja inspiração se torna clara quando se revela o “M” (que aqui tem outro significado) nas costas do rapaz hooligan. Obviamente, Reichenbach pensa em Fritz Lang, e a maneira como manipula essa referência é um brilhante sinal daquilo que pode distinguir a prática de um “cineasta cinéfilo” como era Carlos Reichenbach. Até porque, no contexto narrativo, o jovem neo-nazi fica de facto “marcado” pela sua relação com a rapariga negra, curto-circuito que

directamente dita o seu destino e que Reichenbach já pode filmar como um simulacro de tragédia, uma vez exposta a ironia política da situação.

Mas a questão do racismo, e da diversidade étnica da sociedade brasileira, está espalhada por todo o filme, e desde logo na alcunha da protagonista (Aurélia Schwarzenega, trocadilho que deriva da sua adoração por Arnold Schwarzenegger). O mundo do cinema, mesmo para este tipo de efeitos, nunca está longe. A cena junto ao lago nocturno, a forma como o carro vermelho é iluminado, os reflexos da água – dir-se-ia uma cena de um filme clássico americano dos anos 50 sobre a rebeldia da juventude, mas agora essa rebeldia tornou-se politicamente perigosa (**Garotas do ABC** faz pensar numa frase de Reichenbach sobre o facto de não gostar da designação “cinema marginal”: “a conotação da palavra ‘marginal’ foi apropriada pela direita”). Como não está longe o mundo dos sonhos (as breves interrupções ao registo realista), nem o mundo do espectáculo e da música (as canções, os concertos, os ambientes de “night club”. E é com um comentário sobre o racismo que o filme se conclui: a rapariga beijando o novo namorado, um rapaz de origem asiática, uma espécie de “convite” à miscigenação que depois a legenda final vem confirmar: “todo brasileiro tem sangue crioulo”.

Luís Miguel Oliveira